



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUÍ**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 24/06/2016 a 30/06/2016

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUÍ, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUÍ e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUÍ.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
24/06/2016	11,03	375,60	30,99	4,54	3,84
27/06/2016	11,33	384,00	31,26	4,46	3,85
28/06/2016	11,50	392,40	31,11	4,43	3,85
29/06/2016	11,44	397,10	30,82	4,29	3,72
30/06/2016	11,75	405,30	31,38	4,31	3,58
Média	11,41	390,88	31,11	4,41	3,77

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais* (compra e venda)
no mercado de lotes brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	87,55	-2,61
RS - Santa Rosa	87,15	-2,52
RS – Ijuí	87,15	-2,63
PR – Cascavel	89,55	-3,55
MT – Rondonópolis	85,40	-5,48
MS - Ponta Porá	82,60	-2,82
GO - Rio Verde (CIF)	84,90	-3,74
BA - Barreiras (CIF)	80,70	-3,35
MILHO		
Argentina (FOB)**	188,00	-7,02
Paraguai (FOB)**	158,51	-0,94
Paraguai (CIF)**	195,50	1,56
RS – Erechim	58,40	-1,85
SC – Chapecó	52,50	-4,20
PR – Cascavel	39,90	-7,85
PR – Maringá	39,90	-11,23
MT – Rondonópolis	31,00	-2,52
MS – Dourados	36,40	-15,15
SP – Mogiana	40,90	-6,83
SP – Campinas (CIF)	43,35	-7,37
GO – Goiânia	41,30	-8,63
MG – Uberlândia	45,45	-4,32
TRIGO		
RS – Carazinho	850,00	0,00
RS – Santa Rosa	850,00	0,00
PR – Maringá	925,00	0,00
PR – Cascavel	925,00	0,00

*Período entre 24/06/2016 a 30/06/16

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras
& Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por
tonelada

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 30/06/2016**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	46,68	80,70	40,23

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
30/06/2016**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	45,37
Feijão (saco 60 Kg)	178,71
Sorgo (saco 60 Kg)	39,82
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,20
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,06
Boi gordo (Kg vivo)*	5,45

(*) compreende preços para pagamento em
10 e 20 dias

ND: Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da
EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, nesta semana de importantes relatórios do USDA (plantio definitivo e estoques trimestrais nos EUA), variaram muito. No início da mesma, o bushel de soja em Chicago chegou a recuar para US\$ 11,03 para o primeiro mês cotado. Posteriormente, o bushel subiu para US\$ 11,50, fechando a quinta-feira (30), após o anúncio dos relatórios, em US\$ 11,75.

Na primeira parte da semana a meteorologia indicou tempo bom, com chuvas normais nos EUA. O mercado só não caiu mais porque as exportações estadunidenses chegaram a 1,32 milhão de toneladas na semana anterior, ficando dentro do esperado. Ao mesmo tempo, o enfraquecimento do dólar ajudou a dar mais competitividade ao produto norte-americano.

Somou-se a isso a decisão do Reino Unido de se retirar da União Europeia. Isso aumentou a aversão ao risco, levando os operadores nas bolsas a se desfazerem de contratos. O petróleo recuou e o dólar acabou sendo fortalecido, fatos que se adicionaram ao movimento baixista.

Por sua vez, as inspeções de exportação estadunidenses de soja fecharam a semana encerrada em 23/06 em 272.066 toneladas, acumulando no ano comercial, iniciado em 01 de setembro 2015, um total de 44,2 milhões de toneladas, contra 47,9 milhões um ano antes.

A partir de meados da semana especulações quanto a um possível clima mais seco no Meio-Oeste estadunidense e a proximidade da data dos relatórios levaram o mercado a se reposicionar. Ajudou para isso o fato do USDA ter reduzido para 72% o número de lavouras entre boas a excelentes condições até o dia 26/06 (73% na semana anterior).

Por sua vez, o mercado esperava que o plantio indicasse uma área bem maior de soja, em relação à intenção de plantio do dia 31/03, porém, aguardava reduções nos estoques trimestrais inicialmente projetadas, posição de 01 de junho. Avançava-se uma área semeada de 33,98 milhões de hectares, ou seja, 1,6% acima do registrado no ano passado e 2,1% acima do indicado na intenção de plantio de março passado. Já para os estoques trimestrais, a projeção era de 22,67 milhões de toneladas, contra 17,06 milhões em igual período do ano anterior.

Os relatórios do dia 30/06 indicaram que a área semeada com soja nos EUA alcançou 33,87 milhões de hectares, ou seja, um aumento de 1% sobre o ano passado, ficando abaixo do esperado pelo mercado, enquanto os estoques trimestrais na posição 01 de junho ficaram em 23,7 milhões de toneladas, com 39% acima do registrado no mesmo período do ano passado. Portanto, esse volume superou o que o mercado esperava. O mercado, olhando apenas o curto prazo, acabou elevando as cotações em Chicago, após o relatório, novamente aos patamares mais altos do mês e o mais alto desde 2014.

Tivemos ainda o anúncio de que, após 95% da área colhida até o dia 27/06, a Argentina terá uma safra ainda melhor do que a última projeção. O número final tende a ficar em 58 milhões de toneladas, contra 57,6 milhões no relatório anterior do Ministério da Agricultura local e contra 61,4 milhões colhidos em 2014/15. O governo

argentino inicialmente esperava uma colheita de 60,9 milhões de toneladas. Ou seja, nessas condições, a quebra da safra argentina será de apenas 4,8% e não os 15% que se chegou a cogitar em abril passado.

No Brasil, os preços voltaram a recuar, especialmente pressionados pela nova e forte valorização do Real. A moeda brasileira, na quarta-feira (29) chegou a ser cotada a R\$ 3,23 por dólar. Com isso, a recuperação das cotações em Chicago foi mais do que anulada pelo câmbio. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 80,70/saco, enquanto os lotes caíram para R\$ 86,50 a R\$ 87,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes ficaram entre R\$ 74,00/saco em Pedro Afonso (TO), R\$ 77,50/saco em Sorriso e Sapezal (MT) e R\$ 86,00/saco no centro e norte do Paraná. Nesse último caso o recuo chega até a cinco reais por saco em uma semana.

Diante deste movimento cambial, alimentado pelas declarações do novo presidente do Banco Central brasileiro, o mercado nacional se retraiu, com os vendedores esperando por novas altas, enquanto os compradores aguardam novas baixas. A semana terminou com preços apenas nominais, com pouquíssimos negócios em todo o país.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 09/06/2016 a 30/06/2016.

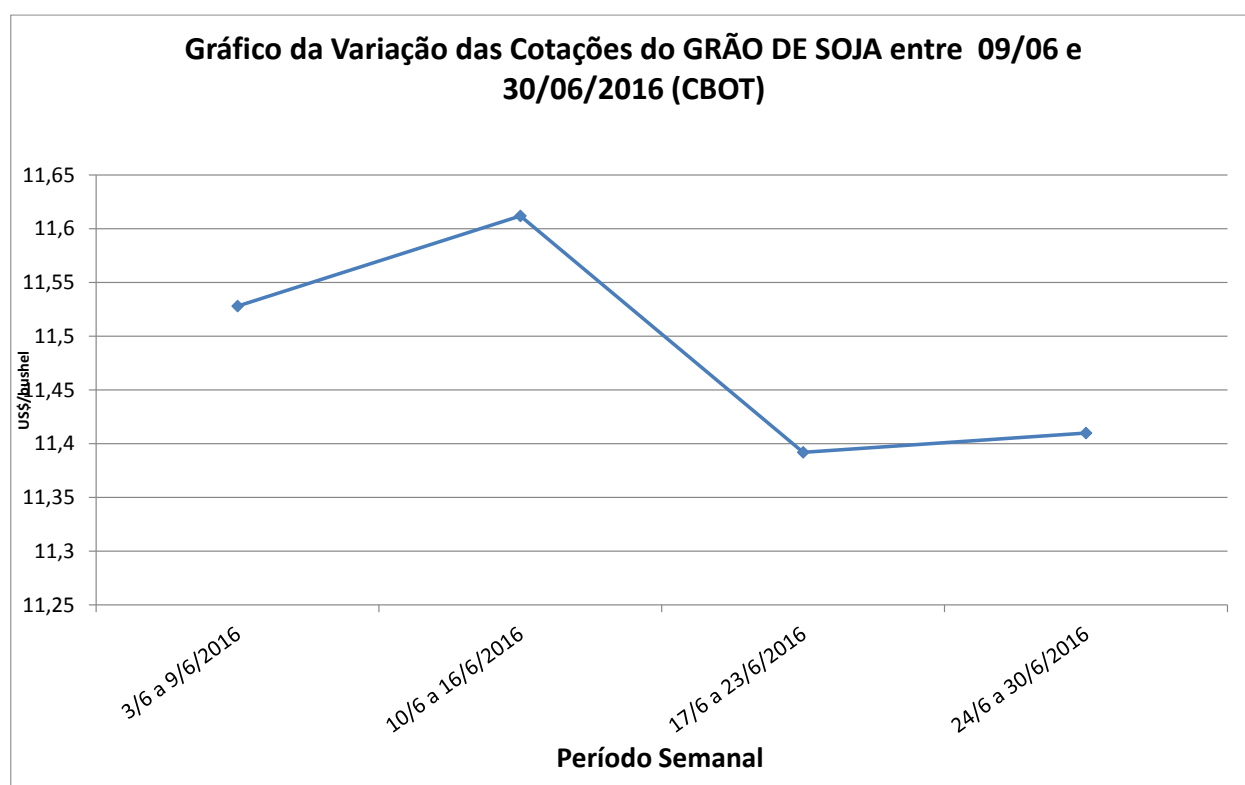


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 09/06 e 30/06/2016 (CBOT)

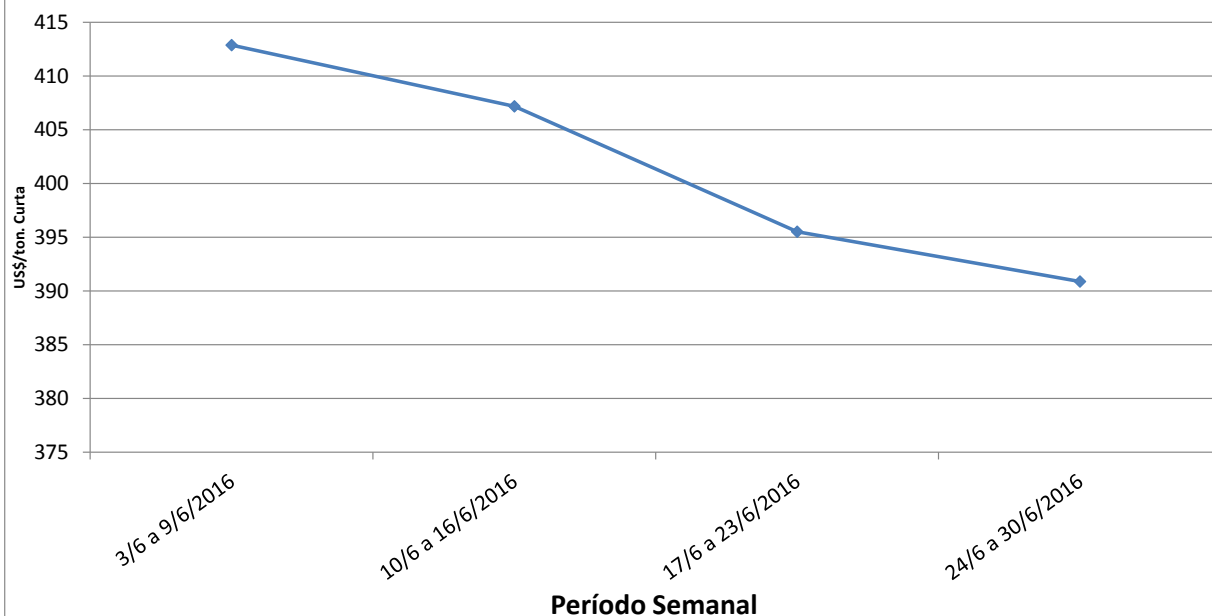
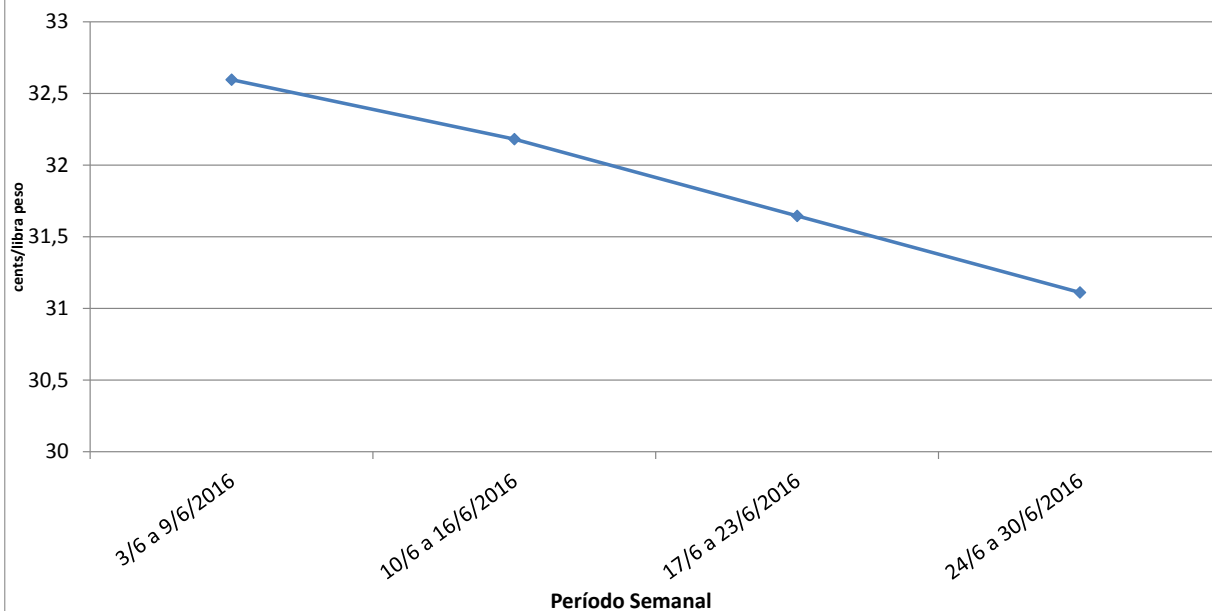


Gráfico da Variação das Cotações do ÓLEO DE SOJA entre 09/06 e 30/06/2016 (CBOT)



MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago recuaram na semana, fechando a quinta-feira (30) em US\$ 3,58/bushel, contra US\$ 3,87 uma semana antes.

Os relatórios do USDA, que eram esperados com grande expectativa, trouxeram o seguinte quadro: a) um aumento de 7% na área semeada, em relação ao ano passado, com a mesma ficando em 38,08 milhões de hectares, superando o esperado pelo mercado, que era um volume de 37,55 milhões de hectares; b) estoques trimestrais, na posição 01/06, em 128,4 milhões de toneladas, superando em 6% o registrado no mesmo período do ano anterior, assim como superando as 123 milhões de toneladas esperadas pelo mercado.

Por outro lado, o USDA manteve em 75% as condições entre boas a excelentes para as lavouras estadunidenses até o dia 26/06.

Essa situação levou as cotações em Chicago ao recuo, especialmente após o relatório do dia 30/06.

Por outro lado, há previsões de clima positivo para a primeira quinzena de julho no Meio-Oeste dos EUA, fato que ajudaria ao desenvolvimento do milho, pois o mesmo estará em seu ponto crucial de polinização. Assim, o clima continuará sendo o elemento central das atenções até fins de setembro.

Outro fator baixista foi a decisão do Reino Unido em sair da União Europeia, fato que fortaleceu o dólar e tirou competitividade do produto estadunidense. As vendas líquidas, para o ano comercial 2015/16, atingiram a 870.700 toneladas na semana encerrada em 09/06, ficando 32% abaixo da média das quatro semanas anteriores. O maior comprador foi o Japão com 232.400 toneladas. Para 2016/17, as vendas alcançaram 530.300 toneladas.

Contrabalançou esta pressão baixista o fato de os prêmios no Golfo do México estarem em forte alta, talvez refletindo uma demanda mais interessante pelo milho dos EUA em substituição ao produto brasileiro.

Na Argentina a tonelada FOB para exportação recuou para US\$ 185,00, enquanto no Paraguai a mesma chegou a US\$ 157,50.

No Brasil, os preços recuaram, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 46,68/saco. Já os lotes ficaram entre R\$ 52,00 e R\$ 54,00/saco. Nas demais praças, os lotes oscilaram entre R\$ 26,00/saco em regiões do Nortão do Mato Grosso e R\$ 52,50/saco nas regiões de Videira e Concórdia (SC).

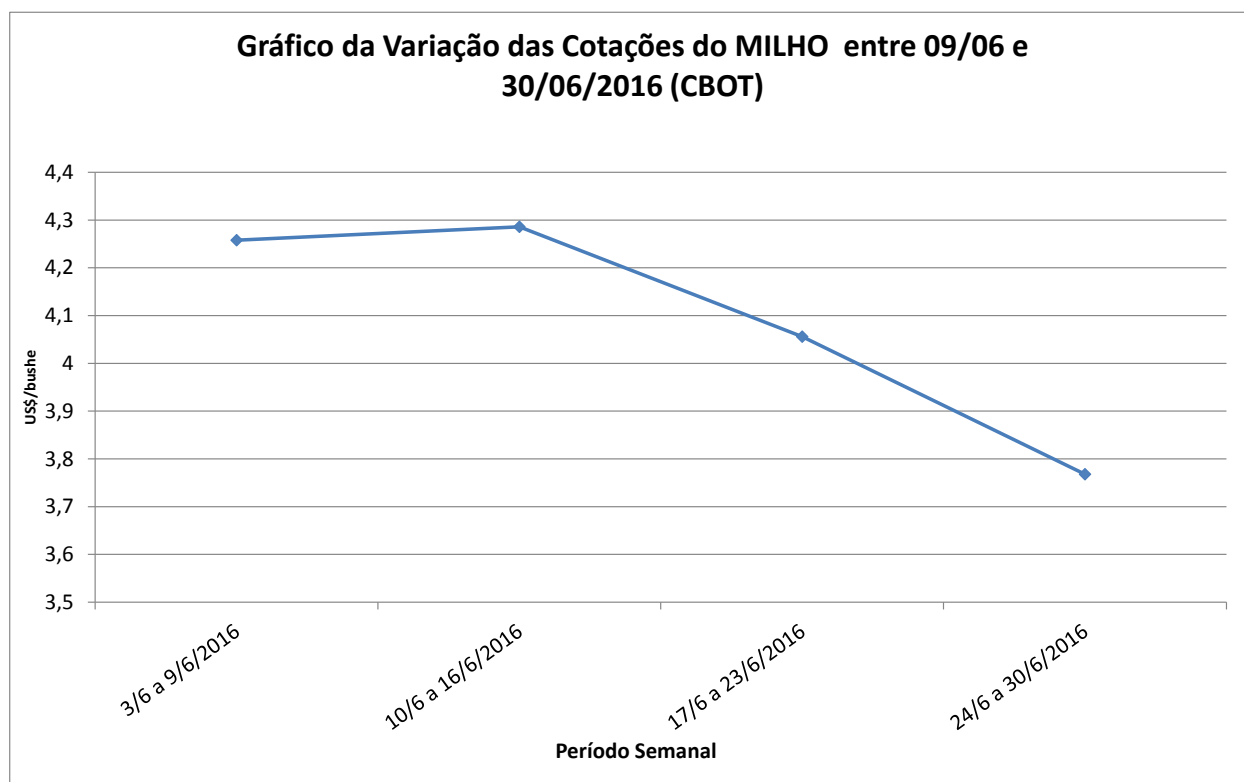
O avanço da safrinha no mercado interno produziu forte queda das indicações de preços nas últimas semanas. O clima firme tem favorecido o avanço da colheita em diversas regiões produtoras, principalmente no Paraná. Aliás, o milho paranaense tende a ajudar a aliviar a situação de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, Estados que são naturalmente importadores do cereal e que contam com inexpressivo volume de oferta no mercado neste momento (cf. Safras & Mercado).

Segundo ainda Safras & Mercado, a semana termina com o Rio Grande do Sul vendendo o mercado ceder, com grandes compradores retraindo seus interesses. Há navios desembarcando com milho argentino em Rio Grande. Em Santa Catarina a oferta local se resume a repasse de lotes comprados de fora do Estado, com preços referenciais de R\$ 53,00 a R\$ 54,00/saco. Em São Paulo as colheitas vão ocorrendo lentamente até em função da umidade do grão ainda elevada. Neste momento, todo o tipo de negócio vai ocorrendo devido à diferenciação entre vendas de produtores e de cooperativas e cerealistas. Pequenos volumes na Sorocabana e Sul de São Paulo entre R\$ 38,00 a R\$ 40,00/saco FOB, a prazo. Campinas e região reduziram as indicações para R\$ 42,00 a R\$ 43,00/saco CIF, a prazo. Lotes de fora do Estado começam a refletir a pressão do Centro-Oeste nos grandes consumidores paulistas e de todo o Sudeste. Notícias de negócios entre R\$ 38,00 e R\$ 39,00/saco mais ICMS com entrega para julho com alguns grandes consumidores. Em Goiás as colheitas regionais vão ocorrendo, com contratos sendo discutidos e preços cedendo lentamente. As colheitas devem se concentrar mais em julho. Em Minas Gerais algumas poucas lavouras vão sendo colhidas e negociadas, a preços ao redor de R\$ 44,00/saco. Houve boatos de negócio com lote do Mato Grosso, para entrega em agosto, a R\$ 37,50/saco mais ICMS em Uberlândia.

Todavia, para o futuro o mercado está impondo altas nos contratos da BM&F de forma bastante precoce e as tradings começam a colocar prêmios altíssimos para viabilizar níveis competitivos nos portos. Na verdade, enquanto o mercado interno estiver acima do porto à preferência de venda é interna. Por enquanto, faltariam indicadores de alta no curto prazo. O fato é que novas baixas em Chicago ou valorização do Real tornarão inviáveis novos negócios na exportação brasileira, confirmando a intenção de anulação de contratos. Enquanto isso, a colheita da safrinha segue ocorrendo e com o mercado interno tentando encontrar um novo ponto mínimo.

Enfim, o ponto alto da colheita da safrinha deverá ser julho e primeira quinzena de agosto. Isso indica que é cedo ainda para surgir indicadores altistas para o final do ano, embora haja potencial para tal movimento.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 09/06/2016 a 30/06/2016.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo voltaram a recuar fortemente durante esta última semana de junho, com o fechamento do dia 30/06 ficando em US\$ 4,31/bushel, após US\$ 4,29 na véspera. Esses valores são os mais baixos nos últimos anos.

Os relatórios do dia 30/06 apenas confirmaram a tendência. O relatório de plantio nos EUA indicou uma área de 20,56 milhões de hectares, com recuo de 7% sobre o ano anterior, enquanto o relatório de estoques trimestrais, na posição 01/06, indicou um volume 30% superior ao registrado em junho de 2015, com 26,7 milhões de toneladas. O mercado esperava área de 20,1 milhões de hectares em média, contra 22,1 milhões no ano anterior. Já os estoques trimestrais estavam sendo esperados exatamente nos níveis anunciados, contra 20,5 milhões um ano antes.

Dito isso, as vendas líquidas estadunidenses de trigo, referentes à temporada comercial 2016/17, iniciada em 1º de junho, ficaram em 462.700 toneladas na semana encerrada em 16 de junho. As Filipinas lideraram as compras com 124.400 toneladas. Já as inspeções de exportação chegaram a 511.701 toneladas na semana encerrada no dia 23 de junho. Em igual período do ano passado o total inspecionado foi de 360.592 toneladas.

Na prática, após a decisão do Reino Unido em sair da União Europeia, houve forte valorização do dólar frente a outras moedas, o que reduziu a competitividade das commodities dos EUA no cenário exportador.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação permaneceu entre US\$ 210,00 e US\$ 230,00. Vale destacar que os preços dos países vizinhos ao Brasil, no Mercosul, apresentam preços abaixo dos praticados internamente pelas paridades de importação, e sem grandes espaços para elevações em relação ao trigo norte-americano (cf. Safras & Mercado).

Já no mercado brasileiro o trigo manteve o mesmo cenário da semana anterior, ou seja, refletindo a retração dos preços do milho, em decorrência do avanço de sua colheita, e também da escassez de oferta do produto doméstico, que inviabilizam volumes consideráveis de negócios. Devido ao período de entressafra, potencializado pelo baixo volume do cereal disponível no país, a tendência seria de alta para os preços brasileiros. Contudo, os preços do milho em queda, estes mesmos que possibilitaram as recentes elevações, pressionam as cotações do trigo no mercado interno. Por isso, o mercado mantém os preços nominais em algumas regiões do país, as quais apresentam menor liquidez, sem responder as variáveis do mercado, enquanto nas outras estão em tendência de baixa (cf. Safras & Mercado).

Os preços nacionais se mantiveram estáveis, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 40,23/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 49,80/saco. Já no Paraná os lotes permaneceram em R\$ 54,00/saco.

Atualmente, a oferta disponível de trigo está bastante restrita no Brasil. Até o início da colheita, em setembro, os países vizinhos ao nosso país, principalmente a Argentina, serão uma atrativa alternativa de abastecimento.

Quanto ao plantio, o Paraná já ultrapassou os 90% da área esperada, enquanto o Rio Grande do Sul superou os 60%.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 09/06/2016 a 30/06/2016.

